

Conselho Acadêmico
Aralba Teixeira de Castilho
Carlos Eduardo Lins da Silva
José Luiz Fiorin
Magda Soares
Pedro Paulo Funari
Rosângela Doin de Almeida
Tania Regina de Luca

Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

A Editora não é responsável pelo conteúdo da Obra,
com o qual não necessariamente concorda. A Autora conhece os fatos narrados,
pelos quais é responsável, assim como se responsabiliza pelos juízos emitidos.

Consulte nosso catálogo completo e últimos lançamentos em www.editoracontexto.com.br.

MULHERES dos Anos Dourados

Carla Bassanezi Pinsky



editoracontexto

Copyright © 2014 da Aurore

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Iluminação de capa

Thomas Coutinho

Montagem de capa

Thais Terra

Diagramação

Gustavo S. Vilas Boas

Preparação de textos

Lilian Aquino

Revisão

Tomoe Morozumi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pinsky, Carla Bassaneti

Mulheres dos anos dourados / Carla Bassaneti Pinsky. – São Paulo :
Contexto, 2014.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7244-863-5

1. Mulheres – Condições sociais 2. Mulheres – Comportamento
3. Mulheres – Conduta de vida 4. Mulheres – História I. Título

14-05376

CDD-305.409

Índice para catálogo sistemático:
1. Mulheres : História 305.409

2014

EDITORA CONTEXTO

Diretor editorial: *Jaimé Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa

05083-030 – São Paulo – SP

PABX: (11) 3832 5838

contexto@editoracontexto.com.br

www.editoracontexto.com.br

Sumário

INTRODUÇÃO	9
OS ANOS DOURADOS	15
AS REVISTAS FEMININAS	23
<i>Jornal das Moças</i>	23
Revistas contemporâneas	36
<i>Capricho e Grande Hotel</i>	36
<i>Revista do Rádio</i>	36
<i>Querida</i>	37
<i>O Cruzeiro</i>	39
<i>Senhor</i>	39
<i>Claudia</i>	40
<i>Carmen da Silva</i>	44
O que esperar da imprensa feminina	46

Os Anos Dourados

O otimismo do pós-guerra, as esperanças no futuro próximo e a sensação de que o país alcançaria de vez a modernidade ainda hoje dão saudades a muita gente. A nostalgia de uma época que teria sido “dourada” também se alimenta de lembranças (ou construções da memória) de romantismos perdidos, de relacionamentos estáveis e de papéis sociais definidos e seguros. De fato, os anos de 1945 a 1964 significam muito para a história do Brasil em geral e para a das relações de gênero em particular.

Apesar de todas as reavaliações políticas (críticas ao populismo, à ideia de “intervalo democrático”, à intervenção estrangeira no país) e a despeito das contestações presentes nos 20 anos que se seguiram (movimentos feministas, *hippies*, juvenis, ecológicos), ou das consequências socioeconômicas negativas do “desenvolvimentismo” sensíveis pouco mais tarde, o imaginário sobre a época ainda remete a idealismos.

A posição brasileira na Segunda Guerra Mundial ao lado dos vencedores propiciou um clima de confiança ao país. Com o fim da guerra, ideias democráticas ganharam força, provocando o fim da ditadura de Vargas. Os anos que vão de 1946 a 1964 costumam ser vistos como um período democrático. Comparados aos anteriores e aos imediatamente posteriores, eles delimitam um intervalo de tempo com maior liberdade de expressão. Entretanto, apesar da representatividade formal garantida, das medidas populares tomadas pelo governo e da aparente autonomia dos três poderes, ocorre uma ampliação do poder estatal e se mantêm inabaladas velhas concepções de poder autoritário baseado na figura forte do chefe da nação.¹ Nem tão liberal, nem tão estável como acreditam alguns,² o período em si, do ponto de vista institucional, é marcado por uma certa continuidade. A relativa liberdade existente não é suficiente para promover transformações radicais com mecanismos eficazes e irreversíveis de democratização no país.

Do ponto de vista econômico, mesmo com a retração ocorrida na dinâmica de substituição das importações, nos anos 1950, o Brasil ingressa numa fase de desenvolvimento mais acelerado. A urbanização e a industrialização avançam com vigor. A produção industrial diversifica-se. Inúmeras transformações ocorrem na infraestrutura e no cotidiano das cidades (principalmente no estado de São Paulo). Os grandes centros atraem um enorme número de migrantes, aumentando as diferenças regionais.

A economia e a sociedade brasileira tornam-se mais complexas. Ampliam-se e sofisticam-se as relações capitalistas. A influência do capital estrangeiro se faz mais intensa, principalmente a partir do governo JK. Posições político-econômicas adotadas pelo Brasil propiciam a crescente interferência dos Estados Unidos nos assuntos internos brasileiros. Contraditoriamente, um forte sentimento nacionalista está em voga. A segunda metade dos anos 1950 é tempo de euforia. O projeto desenvolvimentista do governo recebe grande apoio popular. O chefe da nação, cuja figura remete à imagem do "burguês democrata",

promove transformações sem, contudo, mudar aspectos essenciais da desigualdade social no país.³

Tanto a indústria pesada quanto a de bens de consumo, inclusive a automobilística, ganham força no período de 1956 a 1962. Novas empresas são implantadas demandando novos setores de produção e serviços, um maior número de pequenas indústrias e o incremento da infraestrutura (especialmente energia elétrica, transporte rodoviário e comunicações). Crescem os setores de finanças e de serviços em geral. Alteram-se ainda os padrões de consumo. O salário mínimo, embora deficiente, possibilita aos trabalhadores um maior acesso a produtos industrializados; grupos cada vez mais amplos da sociedade podem usufruir da tecnologia e dos bens de consumo, e o consumismo passa a ser incentivado.

O leque de ocupações no mercado de trabalho aumenta consideravelmente, promovendo a expansão da classe média, além do proletariado industrial.⁴ Cresce de forma significativa a oferta de emprego nos serviços urbanos (bancos, comércio, publicidade e propaganda, transportes e comunicação), nos serviços burocráticos em geral (empresas privadas e funcionalismo) e nas profissões liberais.

Essas transformações têm reflexos importantes no status socioeconômico das mulheres. Por um lado, o incremento do setor secundário e as mudanças na produção eliminam várias ocupações artesanais ou domésticas, expulsando um número significativo de mulheres do mercado de trabalho. Por outro lado, surgem para elas novas oportunidades em consequência do aumento de empregos no setor terciário.⁵ Cresce também nessa época a demanda por trabalhos considerados femininos.⁶

Além disso, aumenta significativamente o nível de escolaridade tanto da população em geral quanto da feminina (com destaque para o ensino médio). A educação escolar das mulheres passa a ser mais valorizada ao lado das concepções arraigadas de que as mulheres devem dedicar-se preferencialmente ao lar e aos filhos, fazendo com que

o trabalho da mulher continue cercado de preconceitos e sendo visto como subsidiário ao do chefe da família.⁷

Muitas das distâncias entre homens e mulheres diminuem com as transformações urbanas: novas formas de lazer, novos pontos de encontro surgem nas cidades. Modificam-se regras e práticas sociais que vão do convívio nas ruas ao relacionamento familiar.⁸ Por outro lado, prevalecem aspectos tradicionais das relações de gênero, como as distinções de papéis com base no sexo, a valorização da castidade para a mulher e a moral sexual diferenciada para homens e mulheres. Uma época anterior à chamada Revolução Sexual e ao movimento feminista de "Segunda Onda", que só vai ganhar força no Brasil nos anos 1970, traz limites relativamente mais firmes e claros para as representações de masculino e feminino.

A família conjugal é o modelo dominante. Nas casas de classe média, as famílias são de fato tipicamente compostas por pai, mãe e filhos, e a prole é reduzida, se comparada com o passado.⁹ Os padrões tradicionais de casamento, entretanto, mantêm-se com toda sua força até 1965.¹⁰ A autoridade máxima ainda é conferida ao pai, "o chefe da casa", e garantida pela legislação que reconhece o trabalho masculino como a principal fonte de recursos da unidade doméstica. As leis também enfatizam a imagem da mulher exclusiva ou prioritariamente dedicada ao lar e à procriação.¹¹

A Igreja Católica continua poderosa como orientadora de conduta, mas vai perdendo terreno para novas influências advindas dos meios de comunicação, do feminismo internacional e da educação laica. De modo geral, essa instituição permanece apegada a concepções conservadoras: prega a submissão da esposa ao marido, é contra o trabalho feminino fora do lar, proíbe a dissolução do casamento e critica duramente muitas das modificações que estão ocorrendo na sociedade.¹²

Cresce para os brasileiros o acesso a informações sobre a emancipação feminina em outros países que se dá, principalmente, em razão da maior possibilidade de participação das mulheres no mer-

cado de trabalho e, no início dos anos 1960, da difusão da pílula anticoncepcional (que também chega ao Brasil na mesma época). Por outro lado, repercutem por aqui campanhas governamentais estrangeiras de incentivo aos valores tradicionais da família, às virtudes da maternidade e à dedicação exclusiva da mulher ao lar para que os homens reassumam seus postos de trabalho abandonados com o advento da guerra (ocupados, então, por mulheres) e para que a sociedade "volte a ser o que era".

A influência cultural norte-americana tem no cinema e na música suas principais portas de entrada por aqui. O prestígio dos Estados Unidos aumenta no Brasil ao mesmo tempo que decresce a influência europeia e a valorização de antigas tradições e formalismos. O *american way of life* torna-se modelo invejável entre as classes médias brasileiras. E Hollywood inspira comportamentos e valores, especialmente entre os jovens.¹³

No contexto de modernização promovido pela urbanização, a imprensa, o rádio e o cinema desenvolvem-se no sentido de se estabelecerem como meios de comunicação de massa, mas esse processo ainda é bastante limitado pelo estágio de desenvolvimento econômico do país.¹⁴ A TV, quando surge, ainda incipiente, não chega a competir com o rádio ou com revistas e jornais em termos de público consumidor.¹⁵

As rádios brasileiras, ao mesmo tempo que veiculam os padrões da moral dominante, abrem alguns canais de expressão para outros valores e figuras femininas alternativas ou "desviantes".¹⁶ O cinema nacional desponta nos anos 1950 com romances bem comportados e chanchadas maliciosas, mas não chega a competir com a hegemonia norte-americana neste setor. A imprensa moderniza-se, principalmente no que diz respeito às revistas ilustradas. O vínculo entre imprensa feminina e consumo se intensifica acompanhando o crescimento da indústria de bens ligados à mulher e à casa¹⁷ e o aumento do poder aquisitivo de setores da população. Ainda que o ideal da "mulher de prendas domésticas" continue extremamente forte, passam a fazer

parte da realidade doméstica os enlatados, os eletrodomésticos e os descartáveis.

Os Anos Dourados assistem também a importantes transformações culturais quando a vontade de inovar atinge a música (surge a bossa nova), o teatro, a literatura, as ciências sociais, a arquitetura e as artes. Contribuem para isso: a formação de um público consumidor dessas manifestações culturais (especialmente na classe média urbana escolarizada), a precariedade da "indústria cultural" de então (que dá espaço para a criatividade e a erudição) e uma "mentalidade cultural" voltada para "o ideal do moderno", que adquire grande força a partir dos anos 1950.¹⁸ Porém, o projeto, ou o desejo, de modernização (antes da modernização propriamente dita) considera o moderno um progresso em si sem submetê-lo, nessa época de euforia, a uma análise crítica.

Os anos 1950 são ainda um marco no sentido do estabelecimento de uma determinada identidade jovem diferenciada e da possibilidade histórica de um tipo de "rebeldia juvenil", com consequências sociais significativas em muitos países, inclusive no Brasil.¹⁹ Nos anos 1940, a beleza e a aparência "jovem" já eram bastante valorizadas, mas a *opinião* e o *gosto* dos próprios jovens só começam a ganhar espaço nos meios de comunicação brasileiros a partir dos anos 1950, mais precisamente na segunda metade.

O início dos anos 1960 carrega uma pesada herança do final da década anterior: aumento das taxas inflacionárias, questões sociais não resolvidas e queda nos investimentos. Jânio Quadros assume a presidência em 1961 com promessas de moralização da política. Mas renuncia no mesmo ano. João Goulart ocupa seu lugar em meio a agitações políticas e sociais que se alastram no país. O novo governo sofre pressões de todos os lados: dos grupos populares que se mobilizam, dos empresários, dos proprietários de terra, dos interesses internacionais. Os membros da classe média que manifestam opiniões políticas estão divididos, *grosso modo*, entre conservadores e partidários de mudanças (por exemplo, vários intelectuais,

estudantes e artistas). A aventura política até 1964 - marcada por palavras de ordem como nacionalismo, desenvolvimentismo ou reforma e por agitações sociais significativas - chegará ao fim com o Golpe Militar.

O pós-guerra e os anos 1950 foram de esperança e otimismo no futuro do país. Época de mais certezas, de clareza sobre mocinhos e bandidos, de verdades sobre o certo e o errado. Na primeira metade da década seguinte, entretanto, já surgiram dúvidas, questionamentos, conflitos, num prenúncio do que estava por vir.

ral. E há outras em que há ordem – mas é a esposa que cabe sempre a última palavra. É particularmente dessa “esposa verdugo” que nos ocuparemos hoje.

Ela é respeitada e obedecida. Mas... será amada? E sua família será feliz? Podemos afirmar que não. Todos ali vivem sob o regime de pressão, a começar pelo esposo [...] ele se sujeita porque ama os filhos acima de tudo e tem a mais ampla noção de sua responsabilidade de chefe de família [...] está positivamente errada a vida dessa família e tudo porque a esposa não tem autocrítica [...] nada mais natural, entre o marido e a mulher, do que a troca de ideias cedendo um de cada vez para que haja equilíbrio. De acordo com a natureza, Deus e o Estrado deram ao homem a direção da família [...]. (Maria Teresa, O *Cruzeiro*, 23.04.1955)

Claudia, mais sutil, não apresenta as coisas nestes termos, mas, em grande parte de seus textos, fundamentalmente concorda com as distinções e desigualdades de gênero, lançando mão de argumentos ligados à moral, ao “bom senso”, à “Psicologia” para legitimá-las.

A “RAINHA DO LAR” E O “CHEFE DA CASA”

Ha condições básicas, essenciais, para um casamento feliz, além do amor. É preciso que o rapaz tenha qualidades que o credenciem como *bom esposo*: lealdade, capacidade de trabalho, iniciativa [...] e que a *moça* se encaminhe para a vida de casada consciente das responsabilidades que a esperam [as tarefas domésticas e a maternidade]. (O *Cruzeiro*, 13.08.1960, destaques meus)

As esferas de atuação e os deveres de cada um dos cônjuges estão bem delimitados.

Não pode ser bom marido o homem que não trabalha. (*Jornal das Moças*, 01.02.1945)

[...] uma vez casado deverá fazer face a todas as despesas [...] [o homem casado] já não é mais dono do seu ordenado [...]. (*Jornal das Moças*, 06.10.1955)

[...] o homem casado não pode limitar-se apenas a prover a família de suas necessidades materiais. A esposa e os filhos contam com sua companhia e assistência. Ele precisa ver os pequenos cuidados que a esposa lhe dispensa e retribuir-lhe isso [...]. (O *Cruzeiro*, 06.08.1960)

[...] dizer mulher é dizer senhora do lar. (*Jornal das Moças*, 30.05.1946)

Com relação às responsabilidades familiares, as distinções do que seria feminino e masculino são bastante nítidas e permanecem praticamente intocadas nos quase 20 anos da era dourada. O “marido perfeito” e a “boa esposa” também são definidos a partir das respostas dadas por homens e mulheres concretos a essas diretrizes, sendo que de sua adequação às expectativas sociais depende, segundo as revistas femininas, o “bom andamento da união conjugal”.

As tarefas de cozinhar, limpar, lavar, passar, cabem à mulher.

O marido perfeito [...] não deve entrar na cozinha nem que o guisado lhe atraia o olfato. (*Jornal das Moças*, 24.05.1945)

Os homens, dentro de casa, são responsáveis apenas por pequenos consertos ou tarefas esporádicas que exigem muita força física.

A boa dona de casa deve ser previdente, pois alguns homens, em suas horas livres, gostam de preocupar-se com a casa: corte-lhe o mau humor tendo sempre à mão objetos que ele construa usar nestas ocasiões. (*Jornal das Moças*, 25.10.1945, destaque meu).

Ajudar a esposa em casa não é visto como uma obrigação do marido ou questão de justiça; colaborar com a mulher nas tarefas do lar é considerado apenas favor, gentileza ou forma de distração. Do mesmo

modo, a *contribuição* monetária da mulher para o orçamento familiar não é encarada como fundamental ou obrigatória e, muitas vezes, sequer é cogitada. A participação masculina nos trabalhos domésticos é tida como “ajuda esporádica” e vista com ressalvas, doses de humor ou resultado de discussões e brigas do casal quando a esposa tem uma “personalidade forte e dominadora”.

Retrato de casamento

[Na sala, a mãe tricotando ouve o filho enquanto o pai lava a louça na cozinha. Sobre a lareira, o garoto vê uma foto do casal.]

– Mãe, essa fotografia é do tempo em que o papai começou a trabalhar para a senhora?

(“Troças e traços”, *Jornal das Moças*, 22.10.1959)

A postura de *Jornal das Moças* é clara: mudanças talvez, desde que a base da relação se mantenha intacta, ou seja, o poder masculino prevaleça.

Não há nada ridículo em um marido que sai às compras, que cozinha ou ajuda sua esposa nos labores domésticos se, na vida conjugal, continua sendo o chefe da família e se [a mulher] o respeita como tal. (*Jornal das Moças*, 02.06.1955)

[...] é natural que [o homem] deseje conservá-lo [seu trabalho] sem perigo de perdê-lo por ajudá-la sua esposa nos misteres domésticos. Ela deve pensar que quanto mais assíduo seja seu esposo ao trabalho maior bem-estar terão ela e seus filhos [...] seu marido tem suficiente capacidade para saber quando pode ou não ficar em casa [...] as esposas que fazem estas queixas [de que ele não colabora] seguramente nunca fazem objeção quando o marido traz um bom cheque para que elas possam gastar à vontade. (*Jornal das Moças*, 06.04.1950)

As revistas não dão às esposas o direito de questionar a divisão tradicional de tarefas e atribuições ou de exigir a participação do marido nos serviços domésticos. Aliás, avisam-nas de que nem devem fazê-lo sob o risco de irritar o esposo, comprometendo assim a “felicidade conjugal”.

[...] mostre-se feliz quando *ele* passar alguns dias longe de seus negócios, em casa, podendo desfrutar de calma absoluta [...] e, nesse caso, não peça para *ele* ajudá-la na limpeza [...] ou em outros afazeres. Pelo contrário, convença-o de que precisa descansar bastante e recuperar as energias perdidas no trabalho da semana, para que *ele* possa retornar alegre e satisfeito ao serviço na 2ª feira. Convença-o a passar uns dias fora, numa estação de repouso, caçando ou pescando [...] *ele* voltará mais saudável [...] e *lhe* agradecerá [...] redobrando seus carinhos. (Mary Jani, “Siga estes 10 mandamentos se você quiser ser feliz no casamento”, *Jornal das Moças*, 27.10.1955)

O marido perfeito está ao nosso alcance, se cuidarmos de seu bom humor e não considerarmos nunca como uma obrigação – ou como uma coisa natural – sua eventual colaboração nos trabalhos domésticos. O trabalho caseiro é nosso, o marido tem o seu. (*Jornal das Moças*, 02.04.1959)

Em *Claudia*, apesar de o tema não ocupar tanto espaço quanto em *Jornal das Moças*, a “ajuda” masculina nas tarefas domésticas é vista praticamente sob a mesma perspectiva: a participação do homem nas atividades atribuídas à dona de casa é considerada uma delicadeza do marido em casos excepcionais do tipo “convidados inesperados para o jantar no dia de folga da empregada”.¹³⁴

“Homem de avental é ridículo”,¹³⁵ segundo *Claudia*, que se refere com humor aos maridos que fazem serviços de casa – algo possível quando se acredita que não há realmente o que discutir (no caso, a divisão sexual de tarefas preestabelecida).

- Querido! - chamou a minha esposa no fundo do corredor. [...]

- Querido! - berrou outra vez. - Você está surdo?

- Que é que há?

- Escute, meu bem - e entrando na sala continuou com voz de mel e açúcar -, quer fazer um favorzinho a sua mulherzinha?

Desconfiadíssimo pelo uso dos apelidos e dos diminutivos, respondi:

- Pois não, se não tomar muito tempo [...]

- Você ajudaria na feira, aqui na esquina?

- Como, na feira? Mas você não pode levar a empregada?

- Não posso, não. [...]

- Pra dizer a verdade - arrisquei tímido - eu queria aproveitar o feriado e ir um pouco à piscina...

- Ah, é? Quer ir à piscina apreciar os brotinhos de biquíni... Nunca levanta um dedo para ajudar em casa, e eu me matando o dia todo...

- Pelo amor de Deus, não fique nervosa, vamos à feira, vamos... [...] ("O ponto de vista dele", *Claudia*, 11.1962)

[...] nunca! Eu ir nessa de americano? Se ceder agora, lavei pratos pelo resto da vida. *Stop!* Sou latino, que diabo! E não lavei! ("O que desejam as jovens", *Claudia*, 04.1964)

"A mulher faz o marido", ou seja, ele se comporta de acordo com o tipo de esposa que tem. As revistas colocam nos ombros femininos o peso da manutenção da "felicidade do lar" e, muitas vezes, do próprio comportamento do cônjuge. Se a esposa cumprir bem "suas funções" - "um conjunto de deveres que colaborem para o bem-estar do marido e de sua pequena comunidade"¹³⁶ - sem questionamentos ou queixas, a "harmonia familiar" estará assegurada. Nada semelhante a esse esforço é exigido dos homens.

[...] o que se entende por um "marido perfeito"? Simplesmente isto: que a mulher não leve muito longe seu espírito de independência, de liberdade, que é provocado pela "emancipação feminina".

No que concerne à mulher é certo que [...] nestas últimas décadas seu raio de ação e atividade foi ampliado de maneira admirável, mas não é menos verdade que o trabalho da dona de casa continua o mesmo [...] como em todos os tempos, nossa regra primordial consiste em nos dedicarmos ao bem-estar da família, enquanto nossos maridos se empenham em mantê-la [...]. (*Jornal das Moças*, 02.04.1959, destaques meus)